

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES GEN CHITO RODRIGUES, NO DIA 18 DE DEZEMBRO, EM VISEU, NA HOMENAGEM DO MUNICÍPIO AO CAPITÃO HOMEM RIBEIRO (NAULILA)

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exma. Senhora Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional  
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Viseu  
Exmos Senhores Generais, Comandante e antigos Comandantes do RI14  
Entidades Civas religiosas, militares e de segurança  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Homenageamos hoje um Homem, um comandante, um soldado. Reabilitando a sua memória, homenageamos hoje uma geração, umas Forças Armadas, um povo. O Capitão Homem Ribeiro, caído há precisamente 100 anos, à frente e com alguns dos seus Homens, no campo de Batalha, ou melhor, no campo da honra ao serviço das Forças Armadas do seu país, libertou-se da morte. A nossa presença aqui hoje é forte testemunho disso mesmo. Mas não só.

Esta atitude do Município de Viseu integra-se num conjunto de ações que ao longo do país têm sido levadas a efeito, evocando o centenário da Grande Guerra, os seus horrores e as suas consequências. Evocação que se desenrola, em Portugal, com a grande participação dos cidadãos que fizeram a Guerra do Ultramar e na Europa os que fizeram a II Guerra Mundial. A nós portugueses, são atitudes como esta que fortalecem a “comunhão de afetos” que caracteriza a nossa forma de estar no mundo independentemente das circunstâncias.

É essa “comunhão de afetos” que nos reúne aqui hoje, colocando mais uma pedra naquilo a que venho chamando de Império da Alma. Sabemos o que temos ganho e perdido ao longo da nossa história. Geograficamente, desfizeram-se impérios - o império da Índia, o Império do Brasil, o Império de África - mas não perdemos o Império da Alma. Império este constituído por milhões de portugueses espalhados pelo mundo e por Portugal que importa aglutinar, aprofundar espiritual, patriótica, cultural e economicamente, ligando-os organizadamente em rede, reforçando o nosso conceito de Pátria. Desenvolvendo assim as nossas Forças Morais e Materiais, como factor do nosso Potencial Estratégico Nacional.

O século XX e o século XXI contribuíram para a evidência da necessidade desse Império da Alma português ser fator importante para o nosso comportamento e força, nos organismos internacionais como a ONU, a UE ou a CPLP. Naulila, episódio da guerra em Angola e Moçambique a partir de 1914, bem como a guerra do Ultramar para isso contribuíram.

Três constantes porém, importa, em permanência, ter em consideração e evidenciar. Em primeiro lugar, durante todo o século XX e XXI as nossas forças armadas empregues na grande guerra, na guerra do ultramar e nas operações de paz, nunca iniciaram as hostilidades nem invadiram nunca nenhum país, nem território.

Uma segunda constante. As nossas forças armadas foram sempre empregues longe da sua base de retaguarda, a milhares de Km de distância num esforço heroico e hercúleo. Assim aconteceu na Grande Guerra, na Guerra do Ultramar e acontece hoje nas Operações de Manutenção da Paz. São duas constantes históricas que prologam a nossa trajetória secular e acrescentam valor à nossa posição e figurino internacionais.

Finalmente uma terceira constante que importa combater frontalmente com base na investigação e no estudo histórico e científico do fator militar, nos conflitos em que tomámos parte no século XX e XXI.

É frequente tratar a nossa participação militar na Grande Guerra, nomeadamente em La Lys, como uma grande derrota militar. Chega mesmo a afirmar-se que não houve nada pior depois de Alcácer Quibir. De Naulila, fala-se de “desastre” e de “tragédia”. Da guerra do ultramar há quem afirme que perdemos a guerra. Para além da comunhão de afetos num verdadeiro Império da Alma que importa desenvolver, há que, para o fortalecer, eliminar a tendência para evidenciar a leitura negativa dos factos, olhando sistematicamente para o negativo que surge para lá do monte e nunca para o positivo que se nos apresenta, quando olhamos para lá do horizonte.

Em La Lys, integrados no I Exército Inglês, sofremos com eles a rotura da frente perante uma ofensiva poderosa, contribuímos para que a retirada permitisse a continuação da batalha noutra frente e cinco meses depois desfilávamos em França celebrando a vitória daqueles com quem nos tínhamos aliado. Em termos de estratégia operacional e geral vencemos.

Em Naulila, depois de um primeiro êxito português em Outubro, seguiram-se retaliações que culminaram com a confrontação em 18 de Dezembro, entre 8000 efetivos alemães e 2000 efetivos portugueses entre eles a 9ª Companhia do RI 14, de Homem Ribeiro. Após o confronto de que resultaram 12 mortos e 30 feridos do lado alemão e 69 mortos e 76 feridos do lado português, ambas as forças retiraram ordenadamente, sem perseguição e da parte das forças alemãs foi enviado emissário apelando à paz. Nenhum dos lados de pôde considera vencedor. A ação contribuiu decisivamente para que após reforços o general Pereira D'Éça pudesse restabelecer a ordem e as fronteiras que, cem anos depois, ainda hoje vigoram entre dois países independentes. Naulila não deve pois ser vista como uma tragédia ou um desastre, mas como uma contingência tática que contribuiu para uma vitória da estratégia operacional e geral, garantindo a manutenção das colónias por parte de Portugal.

Quanto à guerra do ultramar é bom que reafirmemos que as Forças Armadas, ressaltando a Índia portuguesa, nas condições conhecidas, não perderam a guerra, como por vezes se lê e houve. É pois importante que neste momento em que se aprofunda e investiga a história destes acontecimentos bélicos, que se sublinhe e se desenvolva uma leitura positiva e abrangente em termos militares, abandonando de vez, a leitura catastrófica de episódios menos felizes em termos táticos mas que se valorizam, se os enquadrarmos em termos estratégicos e mesmo políticos. E só com esses olhos que podemos estar aqui valorizando os feitos das tropas do RI 14, em África, na Grande Guerra e enaltecer os feitos dos seus soldados entre eles o Capitão Homem Ribeiro.

É essa leitura positiva dos feitos de então que nos enche de orgulho e honra, ainda que, mesmo nessa leitura positiva dos factos a morte enlute os nossos corações. Faço votos por que, dentro de décadas, as gerações de hoje, tenham o mesmo posicionamento de respeito, orgulho e apreço para com os militares que fizeram a guerra do ultramar, que nós, que a fizemos, temos para com aqueles que caíram na Grande Guerra.

Termino felicitando o Senhor Presidente do Núcleo de Viseu e o Presidente da Câmara de Viseu por esta iniciativa, testemunhando o profundo sentimento de comunhão, reconhecimento e de pertença por todos aqueles que caíram durante a primeira Guerra Mundial e estão na origem do nosso nascimento como instituição humanitária e patriótica. O Capitão Homem Ribeiro é um dos nossos, e perante a sua memória nos curvamos. Não morreu em vão. Não esquecemos. Não o esqueceremos.

Vivam os combatentes da Grande Guerra

Vivam os combatentes da Guerra do Ultramar

Vivam os combatentes das operações de manutenção da Paz e Humanitárias

Vivam as Forças Armadas Portuguesas e o RI14

Viva Portugal